

# 1.

## Timor Loro Sa'e<sup>1</sup>

### 1.1 - Timor Leste: a chegada dos portugueses na ilha.

Ali também Timor, que o lenho manda  
Sândalo salutar e cheiroso.  
Olha a Sunda, tão larga que ua banda  
Esconde pera o Sul dificultoso;

CAMÕES, Lusíadas (X, 134)

A ilha de Timor situa-se no arquipélago das Pequenas Ilhas de Sonda, no sudeste asiático e mede aproximadamente 32.300 Km<sup>2</sup>. Seu nome, de origem malaia, significa oriente, pois os navegantes viam nela a terra mais oriental de suas peregrinações.<sup>2</sup>

Não se sabe ao certo a data de chegada dos portugueses a Timor. Entretanto, ela teria ocorrido durante a expedição da armada do vice-rei da Índia, Afonso de Albuquerque, que conquistou Malaca e as Ilhas Molucas, no início do século XVI. Imagina-se, então, que os portugueses desembarcaram no território por volta de 1515, atraídos pelo mel, pela cera e, principalmente, pelo lucrativo comércio do sândalo, espécie de madeira existente em abundância na ilha.

Timor dividia-se em diversos "reinos" mais ou menos independentes entre si, que, por sua vez, encontravam-se sob a dominação de dois grandes "liurais" (uma espécie de chefe local). A chamada província de Survião (correspondente hoje ao Timor Ocidental), encontrava-se sob o comando do régulo de Senobai, enquanto a província dos Bellos (hoje Timor Leste) era comandada pelo régulo de Behale. Raphael das Dores, em *Apontamentos para um Dicionario Chorographico de Timor*<sup>3</sup> (1871, 1892) faz uma espécie de relação dos reinos, apontando a divisão da ilha em duas partes, como se pode perceber na passagem que se segue:

---

<sup>1</sup> Loro Sa'e significa Nascente, Oriente. Timor Loro Sa'e é Timor Nascente; a parte de Timor que situa-se a oriente. Este nome foi adotado após a independência do território, em 1999.

<sup>2</sup> ÁLVAREZ, J.L. *El Catoblepas. Revista crítica del presente*, p.1

<sup>3</sup> DORES, Raphael das, apud MARCOS, Artur, *Timor Timorense*, pág. 32-33

Tambem a ilha era dividida em duas partes, cada uma d'ellas subordinada a um leoray superior, que governava sobre os outros leorays. A parte Leste chamava-se provincia dos Bellos, era governada por Behale ou Vehale, e sempre tem sido portuguesa, e a parte Oeste chamava-se provincia de Survião, era governada por Senobay, e tendo pertencido aos portugueses foi pouco a pouco passando ao dominio hollandês, a que actualmente pertence na quasi totalidade. Chegou mesmo a haver outros leorays, que tiveram supremacia sobre alguns reinos, mas tal auctoridade durava apenas emquanto se achava de acordo nas guerras ou revoltas.

Ainda sobre a divisão do território timorense em reinos e acerca de sua estrutura social e política, esclarece Hélio Felgas:

A ilha de Timor dividia-se em uma série avultada de reinos ou regulados, todos mais ou menos independentes entre si.(...) Cada um destes regulados era governado por um "liurai", a quem os portugueses chamaram primeiro rei e mais tarde régulo, e incluía um certo número de "sucos" cada um deles formado por um dado número de povoações. Tanto o "liurai" como o chefe de suco eram "dató", isto é, príncipes, podendo sê-lo também algum chefe de povoação. Os "dató" formavam uma classe aparte, a da nobreza, e diziam-se senhores da terra, a eles pagando o povo um imposto – o "rai-ten" – que serviria de licença para cultivar dado trato.<sup>4</sup>

Percebe-se que os portugueses, quando de seu estabelecimento na ilha, depararam-se com um território que tinha uma estrutura administrativa e um organização sócio-política próprias. Como mostra Luís Felipe Barreto:

Na Ásia, os portugueses conseguem alcançar posições chave nos litorais do sistema do Índico, conseguem hegemonizar parte das redes marítimas do Índico Ocidental, mas estão obrigados, ao mesmo tempo (como todos os outros europeus até a civilização industrial), a acomodar-se às sociedades asiáticas, a obedecer a regras de jogo asiáticas pré-existentes.<sup>5</sup>

No que diz respeito às crenças, o que os lusitanos encontraram foi um povo adepto do animismo, que pode ser definido como "[c]rença em que almas e espíritos influem sobre a vida das pessoas e dos animais, sobre os objetos e fenômenos do mundo circundante."<sup>6</sup>

O universo animista está dividido em três mundos: céu, terra e regiões inferiores. O céu é a morada das entidades divinas; a terra a morada do mundo dos vivos; e as regiões inferiores, subterrâneas, a morada dos mortos, dos antepassados, ou seja, os espíritos. Para os animistas, o culto aos antepassados é fundamental:

<sup>4</sup> FELGAS, H. A. E. apud MARCOS, Artur. *Timor Timorense*, págs, 28-29

<sup>5</sup> BARRETO, Luís Felipe. *A descoberta do Homem e do Mundo*. p.274.

<sup>6</sup> In. *Dicionário soviético de Filosofia*. Ediciones Pueblos Unidos. Montevideu, 1965.

"Muchos animistas también adoran a sus antepasados, familiares de generaciones anteriores, ya muertos. Creen que las personas que mueren se convierten en espíritus y que son capaces tanto de ayudar como de dañar a los que todavía están vivos".<sup>7</sup>

Essa crença chamou a atenção de Ruy Cinatti, que lhe dedicou o seguinte poema:

#### Antepassados

As pedras ancestrais têm um nome  
que todos sabem ser o de avós.  
À noite, quando os vivos dormem,  
as pedras deslocam-se,  
trocam os poisos,  
indagam uns pelos outros  
seres que lhes dão vida,  
servem-se de nomes  
intransmissíveis,  
afirmam fome.

Antes que a manhã venha perturbar  
o sono dos vivos,  
retomam o parecer quotidiano  
de pedras antigas.  
Cobrem-se de musgo,  
captam orvalho.<sup>8</sup>

Os primeiros contatos do timorense com a religião católica se deram através dos portugueses navegadores e principalmente a partir dos missionários, que se estabeleceram na ilha em 1556. O cristianismo foi amplamente divulgado e intensificado devido principalmente à ação dos dominicanos que se estabeleceram, inicialmente, nas ilhas de Solor e Flores (1561 - 1562), passando algum tempo depois para Timor, onde iniciaram numerosas conversões ao catolicismo. De acordo com Luis Felipe Thomaz: "O cristianismo foi introduzido na segunda metade do século XVI. Após a pregação do franciscano Fr. António Taveira (1556), que não teve continuidade, Timor foi evangelizado pelos dominicanos".<sup>9</sup>

<sup>7</sup> In: [www.pueblos.org](http://www.pueblos.org). [Muitos animistas também adoram a seus antepassados, familiares de gerações anteriores, já mortos. Crêem que as pessoas que morrem convertem-se em espíritos e que são capazes tanto de ajudar como de prejudicar aos que estão vivos.]

<sup>8</sup> CINATTI, Ruy, *Obra Poética*, p.489.

<sup>9</sup> THOMAZ, Luís Felipe F. R. *De Ceuta a Timor*, p 594.

Os missionários cristãos estabeleceram uma espécie de governo eclesiástico, que, no entanto, estava subordinado à autoridade da coroa portuguesa. Tais missões duraram até o ano de 1834, quando já se encontravam em decadência, que culminou com a extinção das ordens religiosas neste ano.

Pelo meado do século XVIII as missões dominicanas entram em decadência: em 1804 só havia 8 sacerdotes, em 1811, apenas um, com 4 igrejas e 2 ermidas a seu cargo. Com a extinção das ordens religiosas, em 1834, as missões de Solor e Timor foram confiadas a sacerdotes seculares de Goa, sempre em número reduzido. Desde 1764 que nenhum bispo de Malaca tomava posse; desde 1804, nenhum foi confirmado pela Santa Sé, permanecendo o bispado entregue a governadores nomeados pelos arcebispos de Goa, residentes em Dili até cerca de 1840 e desde então em Malaca.<sup>10</sup>

Como consequência, Timor – que dependia do Bispado de Malaca – passou, em 1875, a depender do Bispado de Macau, só vindo a tornar-se independente deste em 1896.

Como já foi visto, a povoação de Timor caracterizava-se por pequenos aglomerados, ou aldeias, independentes entre si, o que fazia com que os habitantes de cada região tivessem uma profunda ligação como o território em que viviam:

No território de Timor Leste há diversos grupos etnolinguísticos que têm a sua vida profundamente ligada aos respectivos lugares de habitação e aos territórios dos próprios grupos.

O povoamento tradicional de Timor é disperso e aparece na forma de pequenos agregados ou "knuas" (aldeias).

O leste-timorense, em princípio animista, situa-se no Universo de acordo com determinadas tradições (transmitidas oralmente), com os antecedentes ou antepassados míticos do grupo, com uma série de forças ou espíritos e com um forte sentimento de pertença ao seu grupo.<sup>11</sup>

Os primeiros contatos entre os portugueses e os nativos da ilha foram bastante limitados, inclusive pelo fato de os timorenses não conhecerem a escrita (que só foi introduzida na ilha com a chegada dos portugueses), tendo suas tradições transmitidas oralmente.

---

<sup>10</sup> Idem, p.599.

<sup>11</sup> MARCOS, Artur, *Timor Timorense*, p.16.

Foi somente no século XVII que os portugueses se fixaram em algumas áreas do território timorense, devido ao comércio de sândalo, que despertava grande interesse econômico. Os missionários<sup>12</sup> e os comerciantes foram os vetores de tal estreitamento de relações. Os primeiros, através da fundação de escolas, o que começou a estabelecer uma pequena elite escolarizada, e os segundos, com a intensificação das relações sociais através do comércio.

É fundamental ressaltar que, em fins do século XV, o conhecimento europeu acerca da Ásia era bastante limitado e os missionários, os mercadores e os navegantes europeus figuravam como importantes divulgadores das novas informações sobre os asiáticos. Como aponta Luís Felipe Barreto:

O Estado, a Igreja, os mercadores, os quadros burocráticos da Coroa, os técnicos de marinharia e, a partir de meados do século XVI, os missionários e os miscigenados luso-indianos, luso-malaios, luso-chineses e luso-nipônicos vão constituir núcleos e redes de ampla e diversa informação asiática.

Ao longo de século XVI e dos inícios do século XVII, a relação contínua entre os mundos asiático e europeu vai gerar, nos circuitos da elite europeia e em centros como Lisboa, Roma, Madrid, Veneza, Londres, Amsterdão, uma revolução do saber, uma nova idade no banco de dados europeu sobre a Ásia.<sup>13</sup>

A ampliação do conhecimento acerca da Ásia pelo europeus deve-se, sobretudo, à expansão marítimo-mercantil e aos interesses e poderes do Estado e da Igreja. Ainda segundo Luís Felipe Barreto:

Graças à expansão marítimo-mercantil e aos interesses e poderes do Estado, da Igreja e de grupos privados, começa a nascer um novo e mais profundo conhecimento europeu da Ásia. Os portugueses são, até cerca de 1630, o pólo central desta revolução no banco de dados europeu sobre a Ásia. Ao longo de século e meio, no quadro europeu do saber, a Ásia passa de um conjunto de terras distantes e mal conhecidas, enunciadas com os termos Índia-Índias, a uma realidade complexa e plural que se vai conhecendo já através de especialistas de *europeus asiaticizados*.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> Através das missões de catequização, os missionários mantinham uma relação bastante significativa com os habitantes da ilha.

<sup>13</sup> BARRETO, Luís Felipe In. *A descoberta do Homem e do Mundo*. p. 274-275.

<sup>14</sup> BONHEIM. Gerd. In. *A descoberta do homem e do mundo*, p.274.

Levando-se em consideração o conceito de descobrimento apontado por Gerd Bornheim: "(...) uma experiência inédita, nunca vista quer em suas motivações, quer na amplidão de suas conseqüências"<sup>15</sup> e ainda "(...) invenção de um mundo nunca dantes navegado"<sup>16</sup>, pode-se dizer que a chegada dos portugueses e holandeses a Timor ajudou a construir as primeiras visões da Ásia pelos europeus. O entendimento que estes tinham do território asiático e de seu povo mudou radicalmente, a partir da experiência do contato dos europeus com essa nova cultura.

## 1.2 – Os holandeses em Timor.

No ano de 1595, os holandeses apareceram na região da Insulíndia. Uma das razões da expansão holandesa para o Oriente foi a insatisfação dos Países Baixos com a União Ibérica, criada 15 anos antes, quando Felipe II, rei da Espanha, assumiu o trono português após a morte do Cardeal D. Henrique, rei de Portugal, que não tinha herdeiros diretos.

Felipe II proibiu então o comércio destes países com o mundo espanhol (nesta altura, Espanha e Portugal), o que acarretou a expansão holandesa para as terras orientais.

Los portugueses culpan a la corona española de esta expansión holandesa por Insulíndia, ya que durante la unión dinástica da ambos territorios en la persona de Felipe II, éste cierra el mercado de especiarías de Lisboa a los comerciantes holandeses; por lo que éstos se apresuran a buscar el camino que les llevará al lugar de origen de la apreciada mercancía.<sup>17</sup>

Em 25 de março de 1602 foi criada a Companhia das Índias Orientais Holandesas, que procurava disputar com Portugal o monopólio dos mares da Índia. Os holandeses tomaram, então, a parte ocidental da ilha, dando início ao conflito que os dois países enfrentaram durante séculos pela divisão do território.

<sup>15</sup> Idem, p.17

<sup>16</sup> Idem, p.18.

<sup>17</sup> ÁLVAERZ, J.L., *El Catoblepas. Revista crítica del presente*, p.17. [Os portugueses culpam a coroa espanhola desta expansão holandesa pela Insulíndia, já que durante a união dinástica de ambos territórios na pessoa de Felipe II, este fecha o mercado de especiarías de Lisboa aos comerciantes holandeses; pelo que estes se apressam a buscar o caminho que lhes levará ao lugar de origem da apreciada mercadoria.]

Com a chegada dos holandeses a Timor, Portugal decidiu estabelecer uma presença mais significativa na ilha, a que podemos chamar de pré-colonial, onde os portugueses realizavam a construção de fortificações, feitas com a ajuda dos nativos, estabelecendo alianças com os régulos para que houvesse proteção mútua e a exploração do comércio. Como os holandeses começaram a incitar nos timorenses o sentimento de revolta contra os portugueses, Portugal percebeu a urgência de um efetivo plano de colonização e de alianças com os "liurais", a fim de conter possíveis revoltas que ameaçariam a soberania portuguesa no território.

Só em fins do século XVII, face às várias revoltas de diversos reinos timorenses contra os Portugueses, muitas vezes dirigidas e incentivadas pelos Holandeses, que entretanto se fixaram no lado oeste de Timor, é que os Portugueses iniciaram um plano sistemático de colonização. Avançaram para o interior da ilha, até então praticamente desconhecida, e implementaram uma política de alianças com os vários reinos, comprometendo-se estes a respeitar a soberania de rei de Portugal. Portugal respeitou parcialmente as divisões tradicionais da região, assim como a autoridade dos vários *liurais*, implementando uma política de não-interferência. Em contrapartida, os reinos comprometiam-se a pagar uma finta, ou imposto.<sup>18</sup>

No entanto, a disputa entre portugueses e holandeses pelo território timorense acentuava-se. Tal disputa só se resolveria com um acordo entre os dois países, através de um tratado nos primeiros meses de 1859. Como se pode imaginar, a divisão do território timorense entre os dois países acarretou diferentes delimitações de fronteiras. A partilha deu-se oficialmente em abril de 1859, como está registrado no *Diccionario de Geographia Universal*, citado em *Timor Timorense*<sup>19</sup>

Pelo tratado de 20 de Abril de 1859 entre Portugal e os Paizes Baixos, fixaram-se os limites entre as possessões portuguezas e neerlandezas na ilha de Timor. Ao N. as fronteiras separam Cová de Juanilo, e ao S. Suai de Lakecune. A E, d'estes limites o território pertence á soberania de Portugal, á excepção de Oikussi. A Portugal ficou pertencendo a pequena ilha de Kaming, e foram cedidos aos Paizes Baixos, os territórios que possuíamos nas Flores e Solor.

Desta maneira, a Portugal coube a parte oriental, conhecida como região dos Bellos; já a parte ocidental, conhecida como região de Survião, ficou sob a jurisdição da Holanda.

<sup>18</sup> MACHADO, J. L. *Timor Loro Sae e o pós-colonialismo.*, p.1-2. Disponível em [www.ipn.pt](http://www.ipn.pt)

<sup>19</sup> apud. MARCOS, Artur. op.cit., pág. 30.

Todavia, houve a necessidade de se fazer uma revisão de fronteiras, já que em território português havia encravamentos holandeses e vice-versa. Os dois governos se viram obrigados a nomear uma comissão mista para resolver a questão, como ilustra Ernesto Vasconcelos em *As Colonias Portuguezas*<sup>20</sup>, publicado em 1903:

N'este sentido concordaram os dois governos soberanos de Timor, em nomear uma comissão mixta luso-holandeza, para estudar a zona onde devia assentar a fronteira e levantar a carta topographica d'essa região, para sobre ella se traçar a linha de fronteira definitiva em harmonia como os acordos celebrados, e, no presente ano de 1902, foi á Haya uma commissão de dois delegados do governo portuguez, o sr. contra-almirante Hermenegildo Capello e o auctor d'este livro para lavrarem *ad referendum* um accordo contendo a descripção minuciosa da linha de separação d'espheras, o que conseguiram realisar a contento dos dois paizes. A fronteira tratada obedeceu principalmente á troca dos enclaves de Naimuti (portuguez) e de Maucatar (hollandez), mantendo Portugal a posse de Ocussi e Ambeno na costa norte de parte hollandeza.

É interessante notar como o autor de *As Colonias Portuguesas* dá destaque à soberania portuguesa no que diz respeito à divisão do território, como confirma-se na seguinte passagem:

Não obstante, para mostrarmos a importância relativa do nosso território timorense, vamos apresentar a superfície de cada uma das partes de que elle se compõe:

Parte Oriental (região dos Bellos).....	16:384 Km <sup>2</sup>
Reinos de Ocussi e Ambeno .....	2:461 Km <sup>2</sup>
Pulo Cambing .....	144Km <sup>2</sup>
O que dá para superfície total	18:989 Km <sup>2</sup> contra 13:380 Km <sup>2</sup> do território hollandez.

Na partilha, os portugueses ficaram com o importante porto de Díli, a capital do território desde que o governador António José Telles de Menezes se viu forçado a abandonar a então capital, Lifau, durante a tomada da parte ocidental da ilha pelos holandeses.<sup>21</sup>

<sup>20</sup> VASCONCELOS, Ernesto, apud Marcos, Artur, op.cit., pág. 31.

<sup>21</sup> A capital foi transferida de Lifau, na parte ocidental da ilha, para Díli, na parte oriental, em 10 de outubro de 1769.

### 1.3 – Timor na II Guerra Mundial: um rastro de destruição.

Dez dias após o ataque japonês à base americana de Pearl Harbour (ocorrido em 7 de dezembro de 1941), tropas australianas e holandesas desembarcaram em Díli - apesar dos protestos do governo português, que invocou sua neutralidade - com o pretexto de defender o território timorense de um possível ataque das tropas japonesas.

O governo português protestou contra os ocupantes e conseguiu estabelecer um acordo que determinou que as tropas holandesas e australianas fossem substituídas por tropas portuguesas. No entanto, enquanto as tropas portuguesas estavam a caminho, ocorreu a invasão da ilha pelo Japão. Em 19 fevereiro de 1942, Díli foi bombardeada pelos japoneses, que iniciaram uma ocupação que durou três anos e foi conhecida como uma das mais sangrentas e destruidoras da história do Timor. Iwamura Shouachi, que comandou o pelotão japonês em Timor Leste durante mais de dois anos, descreveu os sofrimentos impostos pelos militares:

É doloroso falar hoje dos sacrifícios e fardos que impusemos ao povo do Timor Leste (...) Ordenamos a chefes que mobilizassem pessoas em massa para a construção de estradas (...) para trabalharem sem receber comida ou compensação. Devido à escassez de alimentos, pessoas morriam de fome todos os dias. A comida para os soldados japoneses e cavalos para transportar munição eram confiscados do povo e alguns soldados da tropa sob meu comando estupraram mulheres timorenses.<sup>22</sup>

Em março de 1944, o Japão consentiu que o governo português enviasse a Timor uma missão oficial de inquérito, constituída por militares e funcionários administrativos, com o intuito de analisar a situação timorense.

---

<sup>22</sup> In [www.geocities.com/timorlorosae2000](http://www.geocities.com/timorlorosae2000)

#### 1.4 – "Timor prendeu-me com cadeias de ferro"

Foi nesse período que Ruy Cinatti, recém-formado no curso de Agronomia, ofereceu seus serviços ao então Ministro das Colônias, Marcello Caetano. O Ministro, entretanto, rejeitou a oferta de Cinatti, escrevendo-lhe numa carta: "Meu querido Ruy, a sua atitude religiosa, de devoção e de sacrifício, é necessária ao Mundo, mas não na expedição a Timor que não sei, aliás, se chegará a realizar-se."<sup>23</sup>

No início de 1946, não vendo perspectivas de carreira e bastante insatisfeito com a falta de reconhecimento no trabalho, Ruy Cinatti demitiu-se da companhia de aviação Pan American, onde desempenhava a função de meteorologista. A esta altura, o Ministro Marcello Caetano nomeou uma nova administração para Timor. O futuro Governador, o capitão Óscar Ruas, fez um convite para que fosse seu secretário e chefe de gabinete. O convite foi prontamente aceito, e Cinatti chegou finalmente a Timor no mês de julho de 1946.

Como aponta Peter Stilwell, Marcello Caetano acreditava que, quanto mais Cinatti se embrenhasse na vida ativa, mais difícil seria concluir a licenciatura, (apesar de ter concluído o curso de Agronomia, ainda não havia concluído a licenciatura) por isso aconselhou prudência. Em carta ao Governador, datada de dezembro de 1946, Ruy Cinatti declara:

Estando eu, ao tempo, com esse futuro praticamente assegurado, achava, o prof. Marcello Caetano, que só para subir na escala dos valores sociais oficiais me valeria a pena abandonar os cargos que iria ocupar e as funções que desempenhava no meio metropolitano. Dado que à altura estava preparando, também, a minha tese de agrônomo e silvicultor (eu também sou silvicultor), achava, o prof. Marcello Caetano, que eu deveria esperar mais algum tempo antes de encetar a minha carreira colonial. O Snr. Governador, deve lembrar-se do que lhe disse o prof. Marcello Caetano: não era por incapacidade ou falta de inteligência que minha situação legal não se resolvia. Antes – disse-o e eu completo - , devido ao feitio e à sensibilidade de quem assiste a uma indiferença e materialismo crescente na geração que o procedeu e à que pertence e, por amor do seu país só equivalente à convicção religiosa, se resolve perder, para poder salvar. Mas a resistência do prof. Marcello Caetano provinha, também, de um outro facto, para mim desconhecido. Comunicou-me S. Ex<sup>a</sup> que o prof. Orlando Ribeiro decidira tornar-me seu colaborador nos estudos de Geografia Humana a realizar no Ultramar.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> CAETANO, Marcelo. apud STILWELL, Peter. *A Condição Humana em Ruy Cinatti*, p.169.

<sup>24</sup> CINATTI, Ruy. apud. STILWELL, op. cit. p. 170.

Ruy Cinatti já apresentava, desde a época de seus estudos de Agronomia, um grande interesse pela carreira na administração colonial, o que pode justificar, entre outros fatores, a sua vontade de ir para as terras longínquas do Timor.

Suas primeiras impressões sobre a ilha foram realmente impactantes e o recém-chegado deslumbrou-se com as maravilhas do território. Em documento intitulado *De Timor* (1949) faz uma pequena descrição do território, onde já se pode notar seu conhecimento de botânica, num discurso um tanto quanto científico:

Quem desce pela primeira vez aos trópicos fica impressionado pela riqueza e complexidade da vida vegetal. Os panoramas de vegetação exuberante, os volumes de verdura de onde sobressaem palmeiras, bambus, árvores altíssimas e outros tipos de plantas, desencorajam, por vezes, o recém-chegado ansioso por conhecer o mundo que organizara, no seu espírito, de acordo com meia dúzia de regras aplicáveis à vegetação dos climas temperados. Tudo é novo e estranho<sup>25</sup>

O estranhamento e a novidade, deram-lhe uma imensa sensação de felicidade e vontade de percorrer a ilha em viagens de reconhecimento, o que efetivamente fez juntamente com o Governador. Entregou-se com ardor ao reconhecimento do território.

Foi assim que reconheci a maior parte da ilha, através de viagens repetidas que só vincaram o que havia de normal a observar. De avião, de automóvel e a cavalo, estas excursões abrangeram toda a ilha, desde a ponta de Tutuala, no extremo leste, ao território de Ocussi, na parte oeste.<sup>26</sup>

Foi um Timor devastado e bastante destruído que Cinatti encontrou em 1946. A invasão japonesa causara danos irreparáveis e a reconstrução se fazia urgente, daí a importância de tais viagens de reconhecimento, que certamente figurariam como documentação fundamental para auxiliar Timor na sua recuperação.

A partir destas viagens de reconhecimento, Ruy Cinatti pretendia, como agrônomo e silvicultor, fazer uma minuciosa identificação da flora timorense. Além disso, pretendia também, já com interesses antropológicos, iniciar um "estudo metódico e interdisciplinar do território, a fim de detectar as potencialidades materiais e humanas existentes"<sup>27</sup> para que, a partir daí, fosse possível realizar o desenvolvimento equilibrado da ilha.

<sup>25</sup> Idem, p.173.

<sup>26</sup> CINATTI, Ruy. *Explorações Botânicas em Timor*, p.47

<sup>27</sup> STILWELL, Peter. op.cit, p.176.

Em uma carta ao Governador, datada de dezembro de 1946, Ruy Cinatti demonstra seu empenho em entregar-se a um estudo aprimorado do território, quando escreve que: "O meu entusiasmo pela ilha continua a ser o mesmo ou melhor, acrescido pelo conhecimento vivo da realidade. [...] a verdade é que estou preso a esta ilha e entusiasma-me o que se está fazendo e o que se deve vir a fazer"<sup>28</sup>

A leitura de *A ilha verde e vermelha de Timor*, de Alberto Osório de Castro foi crucial para Cinatti desenvolver uma reflexão científica acerca da colonização:

O livro de Osório de Castro, além de ser exemplar único da história literária e de se assemelhar por estes e outros motivos à obra de Fernão Mendes Pinto, há-de ficar na literatura da especialidade como sendo a primeira contribuição moderna da fitografia timorense... O amadorismo científico e a falta de elementos informativos, longe de prejudicar a estrutura da obra, estimulou todas as faculdades da inteligência do autor, obrigando-o a aplicar a um mundo ignoto as várias facetas do seu poderoso talento descritivo. Qualquer coisa que se lhe depare é descrita com aquela frescura e novidade de quem inventa palavras certas para um conjunto de imagens que se experimentam pela primeira vez, sendo para considerar, sob um aspecto filosófico e político, que em 1909 tenha sido escrita por um poeta a seguinte afirmação: "Hoje a obra de colonização ou é científica ou não é nada"<sup>29</sup>

Entretanto, Cinatti viu seus planos ruírem, pois Óscar Ruas o queria apenas para as funções de secretário de gabinete, confinando-o e limitando-o aos trabalhos burocráticos; mas, mesmo impedido de continuar suas atividades de investigação, aproveitou o tempo livre para coletar exemplares de plantas e bichos da região.

Quando foi convocado para a Conferência de Aviação Civil do Pacífico Sul, devido ao seu ótimo currículo (já que falava muito bem inglês e trabalhara na Pan American), em Melbourne, levou consigo inúmeras amostras de madeiras timorenses. Lá fez importantes contatos com funcionários do Departamento Florestal e passou a estudar diversas espécies, conseguindo do Governador, ao final da conferência, uma licença para ficar mais um mês na Austrália, local para onde se desloca inúmeras vezes.

Em contrapartida, estes constantes deslocamentos para o território australiano somado às contrariedades de uma atividade burocrática, acabaram por desgastá-lo, o que causou-lhe um esgotamento nervoso. Peter Stilwell, informa que, no dia anterior ao colapso, Cinatti havia participado de um ritual fúnebre timorense, o que pode ter vindo a acentuar seu desgaste emocional.

<sup>28</sup> CINATTI, Ruy, apud STILWELL, Peter op. cit., p.176

<sup>29</sup> CINATTI, Ruy. *Obra Poética*, p.560.

Mas, efetivamente, há males que vêm para bem. Ao retornar da licença médica a que teve direito, finalmente ficou livre das tão temidas e entediadas atividades burocráticas. O Governador resolveu aproveitar as inúmeras qualidades de seu ex-secretário de gabinete, e o liberou para finalmente desempenhar um estudo sistemático das potencialidades agronômicas e florestais de Timor.

Tornou-se professor de Desenho no Liceu de Díli, sobrando-lhe tempo para percorrer a ilha e recolher material necessário para sua tese de licenciatura. Seu contato com a natureza e com os habitantes da ilha intensificou-se cada vez mais, o que o deixou extremamente recompensado e feliz.

O resultado mais efetivo de tais andanças se faz sentir no estreitamento das suas relações com o povo timorense. Em uma entrevista dada em 1972, declara: "Comecei [...] a perceber que os timorenses eram algo mais do que simples figuras exóticas numa paisagem já de si exótica."<sup>30</sup>

Ruy Cinatti começou por enxergar o timorense não como uma figura destacada, mas como um semelhante e passou a ter uma grande preocupação em conhecer e, principalmente, respeitar sua cultura. A partir de então, os laços de amizade intensificaram-se e Cinatti chegou mesmo a fazer um pacto de sangue com dois liurais timorenses, D. Armando Barreto, liurai de Aissa e D. Adelino Ximénes, liurai de Loré, permitindo-lhe isto acesso a segredos, como a existência de pinturas rupestres ocultas. Essa questão do pacto será abordada novamente no capítulo 3.

Nota-se, então, que sua preocupação não se restringia apenas às condições econômicas e ao aproveitamento racional dos recursos materiais da ilha. A situação do povo timorense figurava como peça fundamental neste complexo jogo. Para Cinatti, o timorense é a essência da ilha, e é extremamente necessário e fundamental conhecê-lo e, especialmente, respeitá-lo. O mais importante nesse estreitamento de relações com os timorenses é, sem dúvida, o fato de ele ter sido aceito pelos habitantes da ilha como um irmão.

No final de 1947, viu-se obrigado a regressar a Portugal, já que concluíra sua tese de licenciatura e tinha que defendê-la. Questões familiares também pesaram para a tomada de tal resolução. Entretanto, seu coração continuou em Timor, pois sentia que muita coisa mudara dentro dele durante este quase um ano e meio na ilha.

---

<sup>30</sup> Idem p. 186.

Em um esboço de carta de 1946, recolhido de seu espólio por Peter Stilwell, Cinatti afirma: “Estar nas colônias transforma as pessoas e eu sinto-me de certo modo uma pessoa diferente. Timor prendeu-me com cadeias de ferro, a ponto de estar disposto a iludir o bom senso ou o que ele me indica.”<sup>31</sup>

Chegou a Lisboa em 1948, mas continuou a trabalhar no seu relatório, referente à sua estada em Timor, para a Junta de Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, bem como na redação de mais uma tese que trata das madeiras de Timor. É interessante notar que a ilha não sai do centro de suas preocupações. Durante sua estada em Portugal, publicou a sua tese de licenciatura, em 1950, pela Junta de Investigações do Ultramar, dividindo-a em dois livros: *Explorações Botânicas em Timor e Reconhecimebto Preliminar das Formações Florestais no Timor Português*.

Em setembro de 1951, Cinatti foi nomeado para chefe dos Serviços de Agricultura do Governo de Timor, a esta altura governado por Serpa Rosa, e partiu novamente para lá, onde bastante contrariado, continuou a trabalhar com papéis. No entanto, aproveitava o tempo livre para realizar suas expedições pelo território.

Em 1952, enquanto participava da Conferência do Arroz, em Singapura, aproveitou a viagem para conhecer Malaca. Retornou a Timor e em agosto sofreu um grave acidente de carro, que o deixou bastante machucado e abalado emocionalmente. Ao refazer-se do acidente percebeu, que, no que dizia respeito à sua situação profissional em Timor, pouca coisa, ou nada, mudou. Frustrado com seu insucesso por não conseguir levar adiante seu projeto de um desenvolvimento sustentável<sup>32</sup> em Timor, regressou a Lisboa em 1956, começando, no ano seguinte, a trabalhar como investigador da Junta de Investigações do Ultramar. Em 1958 retornou a Timor com os arquitetos Leopoldo de Almeida e Sousa Mendes, quando se dedicou a estudar a habitação timorense (deste estudo foi publicado um livro, intitulado *Arquitectura Timorense*, onde se pode encontrar um estudo minucioso acerca das regiões, populações e tipos de habitações timorenses). Já neste ano havia concluído a Pós-Graduação em Oxford.

---

<sup>31</sup> CINATTI, Ruy. apud STILWELL, Peter. op. cit., p.188.

<sup>32</sup> Apesar de tal expressão ainda não existir na época, Cinatti já tinha uma consciência, a que chamamos ecológica hoje em dia, e figura como um dos pioneiros na concepção de desenvolvimento sustentável.

Não se adaptando à vida em Lisboa, voltou a Timor em 1961, permanecendo por lá até 1963. Foi nesta época que fez o juramento de sangue com dois "liurais" timorenses e dirigiu um filme sobre Timor. Entre 1963 e 1965, viajou pelo Oriente, sendo sua última ida a Timor no ano de 1966, data a partir da qual é proibido de lá voltar. Esta proibição tem suas raízes no regime ditatorial salazarista, que como aponta Lincoln Secco, era "um regime que se propôs a controlar a produção intelectual. A censura provavelmente limitava o intercâmbio científico, especialmente para aqueles que desejassem produzir um conhecimento crítico."<sup>33</sup>

Pode-se afirmar com certeza que a ligação de Cinatti com o território timorense, com toda a sua fauna, flora, seu povo, e tudo o que mais possa existir é bastante profunda. Como poeta, engenheiro agrônomo, silvicultor, antropólogo, enfim, como Humanista completo que era, tinha uma grande capacidade de amar a Natureza, a Terra e os homens que nela vivem. Teve relações bastante fortes com os inúmeros lugares que visitou, mas nenhum o cativou tanto como Timor, "cheia de grande significado e mistério."<sup>34</sup>, lugar que amou e respeitou de tal forma, que dedicou boa parte da sua vida em estudá-lo para que algo fosse feito em prol da ilha e de seu povo.

---

<sup>33</sup> SECCO, Lincoln. *A Revolução dos Cravos*. p, 96.

<sup>34</sup> CINATTI, Ruy. apud STILWELL, Peter. op.cit. pág. 183.